



*The true Effigies of F. Alvarez Seme do
Procurator of y^e Provinces of Japan & China /*
Theo. Crisp. fecit

O Pe. Álvaro Semedo e a sua *Relação da Grande Monarquia da China*

ZHANG MINFEN*

Nos finais do século XVI, a religião cristã chegou à China pela terceira vez. A vinda de jesuítas letrados encabeçados pelo Pe. Matteo Ricci constituiu uma magnífica sinfonia no concerto do intercâmbio cultural sino-estrangeiro, nele abrindo uma página totalmente nova. A chegada dos jesuítas bem organizados deu a conhecer à China não só a religião cristã como também a ciência e a cultura ocidentais. Reciprocamente, a ciência e cultura, ideologia e filosofia, arte e história chinesas foram introduzidas na Europa moderna, vivendo-se uma forte conjuntura de “passagem da civilização chinesa para a sociedade ocidental”.

O primeiro jesuíta a dedicar-se ao trabalho sinológico foi Matteo Ricci, considerado o pai da sinologia ocidental. O Pe. Álvaro Semedo, por seu lado, autor da *Relação da Grande Monarquia da China*, dedicou-se também ao estudo e à investigação da língua e cultura chinesas durante a sua permanência no império chinês e deve ser considerado o primeiro sinólogo português e um dos pioneiros ocidentais da sinologia. “Na dinastia Ming, são poucos os sinólogos depois do Pe. Matteo Ricci e o Pe. Álvaro Semedo é um destes poucos sinólogos europeus”.¹ Entretanto, hoje em dia, o estudo e a investigação sobre a presença dos jesuítas na China durante as dinastias Ming e

Qing tem-se limitado a alguns jesuítas famosos, como Matteo Ricci, Martinus Martini, Giulio Aleni, Johann Schall von Bell. Álvaro Semedo tem sido, contudo, injustamente ignorado e esquecido.

A este propósito, o estudioso inglês Charles Boxer, um dos mais importantes investigadores contemporâneos da presença portuguesa no Oriente, afirmou:

“A saga dos Jesuítas portugueses na China aguarda ainda o seu historiador. Esperemos que um dos seus compatriotas se debruce sobre eles. Essa história merece ser contada, apesar do facto dos portugueses terem sido vítimas da ênfase dada pelos escritores estrangeiros aos feitos dos seus colegas franceses e flamengos. Assim, os escritos de Martini, Couplet e Le Comte são recordados, enquanto que os trabalhos pioneiros de Semedo, Gouveia e Magalhães são esquecidos. O mais superficial estudioso da história das relações externas da China está familiarizado com os nomes de Ricci, Schall e Verbiest, mas provavelmente nunca ouviu falar dos não menos influentes Tomás Pereira, José Soares e João Mourão. A falta de contacto com as numerosas, mas dificilmente acessíveis, fontes portuguesas impediu que fosse feita justiça a esses homens admiráveis, da mesma forma que não é geralmente sabido que os Jesuítas portugueses em Pequim se correspondiam com a Academia Real de Londres, com a Academia Imperial da Rússia e com a Academia Real de Paris...”²

Este texto pretende contribuir para o preenchimento dessa lacuna através da apresentação da obra do Pe. Álvaro Semedo, que, “embora não

张敏芬 concluiu, em 2000, o Mestrado em Língua e Cultura Portuguesas (variante de História) na Universidade de Macau. Licenciada em Língua e Literatura Portuguesas pela Universidade de Estudos Internacionais de Xangai, onde lecciona Português.

M.A. in Portuguese Language and Culture (History) from the University of Macau, 2002. Graduate in Portuguese Language and Literature from Shanghai's University of International Studies, where she currently teaches Portuguese.

HISTORIOGRAFIA

se pudesse comparar com Matteo Ricci, podia ser justamente considerado o primeiro sinólogo português.³ Tentar-se-á contribuir para um melhor conhecimento da sua *Relação da Grande Monarquia da China*, recordando a importante contribuição histórica de Semedo no processo de conhecimento e divulgação da cultura chinesa junto do mundo ocidental durante a dinastia Ming.

BREVE BIOGRAFIA DE ÁLVARO SEMEDO

O Pe. Álvaro Semedo passou a maior parte da sua vida na China, sendo um dos testemunhos europeus da decadência da dinastia Ming e da ascensão da dinastia Qing. Dedicou toda a sua vida à grande causa da difusão cultural e à obra de conversão dos chineses. Nasceu em 1585, na vila de Niza, da diocese de Portalegre. Em 1602, com 17 anos, ingressou na Companhia de Jesus, indo estudar Filosofia no Colégio Jesuíta de Évora. Seis anos mais tarde, em 1608, partiu de Lisboa para a Índia, concluindo os seus estudos teológicos em Goa. Chegaria a Macau dois anos depois. Em 1613, foi enviado para a missão jesuíta de Nanquim, onde adoptou o nome de Xie Wulu 谢务禄, começando a aprender a língua chinesa, tal como os seus outros confrades, o que era muito importante, mesmo indispensável, para a sua missão de catequização. Em 1616, foi expulso para Macau juntamente com o Pe. Vagnoni (Gao Yizhi 高一志), na sequência da perseguição aos jesuítas em Nanquim, iniciada em 1615 e impulsionada por Shen Que 沈樞, então vice-presidente do Tribunal dos Ritos de Nanquim. Depois de quatro anos em Macau, em 1620 conseguiu passar novamente para o interior da China. Para não ser reconhecido pelas autoridades, alterou o seu nome para Zeng Dezhao 曾德昭. Permaneceu alguns anos na província de Zhejiang, principalmente na cidade de Hangzhou, onde um importante mandarim, Yang Tingjun 杨廷筠, lhe deu grande ajuda nas suas actividades missionárias. Visitou também as províncias de Jiangxi e Nanquim. Depois de ter residido algum tempo em Jiading e Xangai, foi destacado para a cidade de Xi'an, onde foi o primeiro europeu a analisar a famosa estela dos Cristãos Nestorianos. Viveu igualmente alguns anos nas províncias de Shanxi e Jiangxi, até ser enviado, em 1636, para Roma na qualidade de procurador da vice-província da China, para representar os interesses da

missão chinesa. Embarcou em Macau no ano de 1637. Durante a sua longa viagem para Roma, começou a redigir um relato sobre a sua experiência no Império do Meio. Em 1640 estava em Portugal. Quando regressou à China, em 1644, foi nomeado por algum tempo para o cargo de vice-provincial das missões neste país, continuando a sua obra de evangelização até 1657, data da sua morte em Cantão, com 72 anos de idade.⁴

DIVULGAÇÃO DA *RELAÇÃO DA GRANDE MONARQUIA DA CHINA*

O Pe. Álvaro Semedo viveu mais de trinta anos na China, que percorreu de norte a sul, tendo contactado com todas as camadas sociais chinesas, tanto pessoas das classes superiores como os elementos mais humildes do povo. É justamente considerado um excelente sinólogo e tradutor da língua chinesa. Entre os seus trabalhos, conta-se a primeira tradução para línguas europeias das inscrições da conhecida estela dos Cristãos Nestorianos, durante a sua estada em Xi'an. Redigiu ainda um longo e bem informado tratado sobre a China, a *Relação da Grande Monarquia da China*, concluído em 1638, em Goa, e que foi traduzido e publicado em muitas línguas ocidentais, gozando de grande divulgação na época. Há notícias de que, em 1642, foi impresso em Lisboa um anónimo resumo da obra, com o título de *Breve Recompilação dos Princípios, Constituição e Estado da Cristandade da China*, mas do qual, infelizmente, não se encontrou até hoje qualquer exemplar. Um ano depois, o historiógrafo português Manuel de Faria e Sousa (1590-1649) obteve uma cópia integral do manuscrito de Semedo, que deu à estampa em 1642, em Madrid, numa versão em castelhano, com o título de *Imperio de la China y Cultura Evangelica en el, por los Religiosos de la Compañia de Jesus*. Esta versão, que continha muitas interpolações e observações de Faria e Sousa, foi reeditada ainda no mesmo ano, vindo a ser reimpressa em Lisboa no ano de 1731.

Em Roma, em 1643, Álvaro Semedo fez imprimir a sua obra em italiano numa tradução do Pe. Gattini, dando-lhe o título de *Relatione della Grande Monarchia della Cina*. Esta tradução foi feita a partir do texto português levado para Roma pelo próprio autor, vindo a ser reimpressa em Bolonha em 1678. Uma tradução francesa, provavelmente elaborada a partir da versão original portuguesa, surgiu em Rouen em 1643, com

HISTORIOGRAPHY

o título de *Recueil des Commencements, Progrez, et Estat Moderne de la Chrestienté de la Chine*. Uma nova versão francesa, desta vez a partir da edição italiana, com o título de *Histoire Universelle du Grande Royaume de la Chine*, surgiu pela mão de L. Coulon em 1645, em Paris. Um pouco mais tarde, em 1656, surgiria em Londres uma tradução em inglês com o título de *The History of That Great and Renowned Monarchy of China... Lately written in Italian by F. Alvarez Semedo, a Portuguese [...] Now put into English by a Person of quality [...] to satisfy the curious, and advance the trade of Great Britain*. Houve uma outra versão francesa, publicada em Lyon, em 1667, com o título de *Histoire Universelle de la Chine par le P. Alvarez Semedo, Portugais*. A obra de Semedo foi igualmente traduzido para holandês no ano de 1670. Só três séculos depois, em 1956, Luís Gonzaga Gomes, um grande sinólogo português contemporâneo, faria a retroversão integral para português da *Relação da Grande Monarquia da China*, a partir da versão italiana, a edição mais rigorosa e mais valiosa, pois foi feita sob a atenta supervisão do autor,⁵ já que o manuscrito integral em língua portuguesa não foi até à data localizado. Esta versão de Luís Gonzaga Gomes foi reeditada em Macau, em 1994, por iniciativa do investigador António Carmo.⁶ Em 1998, a *Relação* de Álvaro Semedo foi traduzida para chinês, a partir da versão inglesa, por He Gaoji 何高济, permitindo que os chineses conhecessem a perspectiva de um dos mais importantes portugueses na China do século XVII sobre o povo e a sociedade da China na dinastia Ming.

APRESENTAÇÃO DA *RELAÇÃO DA GRANDE MONARQUIA DA CHINA*

A *Relação da Grande Monarquia da China* dá aos leitores um panorama muito detalhado e rigoroso da sociedade e civilização chinesas em meados do século XVII. A primeira das suas duas partes – “Do Estado Temporal da China” – apresenta uma descrição extensa e bem informada da complexidade social chinesa seiscentista, debruçando-se sobre a língua e escrita chineses, a cultura e a vida quotidiana, a cortesia e os costumes, a educação e a ciência, os casamentos e os funerais, o governo e a administração e as artes da dinastia Ming. A segunda parte – “Da Cristianidade da China” – relata a história da difusão do Cristianismo pelos jesuítas na China desde 1552, incluindo a origem

da entrada dos jesuítas, o processo de Nanquim e a biografia pessoal do grande literato chinês Li Zhizao 李之藻 (Doutor Leão).

Apresenta-se de seguida uma síntese do conteúdo da primeira parte da obra, que consta de 31 capítulos.

Ao chegar ao Império, Semedo ficou admirado com a sua enorme extensão territorial, a imensa população e a abundância de produtos e não poupa palavras de admiração perante a incrível riqueza material da China:

“Quanto à abundância, como este reino se dilata muito, participando de latitudes e climas diversos, é tanta a variedade de fruta que produz e de que goza, que aparece ter a natureza ali acumulado aquilo que repartira pelo resto do mundo. A dentro das suas portas existe tudo quanto é necessário para a vida humana e ainda toda a abundância de delícias”.⁷

Além apresentar a situação geral de cada província, este minucioso observador descreve de forma detalhada os costumes de beber chá e vinho na China. Ao referir-se às províncias do Norte, Semedo não esquece a célebre Grande Muralha que, na sua opinião, tinha “mais renome que eficácia, pois que, sem que impeçam a sua grandeza e capacidade, o inimigo a tem reduzida em mísero estado”.⁸

Na opinião do missionário português, os chineses eram simpáticos e hospitaleiros: “São afáveis, corteses e muito tratáveis.”⁹ Semedo salienta que, em caso de necessidade, como muitas vezes tinham experimentado, emprestavam aquilo que lhes era pedido. Na sua informada opinião, os chineses eram inclinados à virtude:

“Não digo que sejam isentos de vícios, próprios de todos os gentios e ainda de todos os mortais, mas têm em apreço aqueles que fazem profissão de virtuosos, especialmente de certas virtudes que, entre outros gentios são desprezadas, como seja a humildade, a virgindade e a castidade”.¹⁰

O jesuíta português descreve pormenorizadamente o vestuário dos académicos e do povo comum. Relativamente a um pormenor do vestuário feminino, menciona a pequenez dos sapatos das mulheres, já que os seus pés eram enfaixados apertadamente desde a infância para que não crescessem.

Durante a sua longa estadia na China, Álvaro Semedo obteve consideráveis conhecimentos da

HISTORIOGRAFIA

língua chinesa. O jesuíta afirmava que o chinês era uma língua muito antiga e que muitos a consideravam uma das setenta e duas línguas da Torre de Babel, referindo que “Consta, pelo menos, nos seus livros, que há mais de 3700 anos que está em uso”¹¹. Semedo anotou correctamente a função do *quonhoa*¹², ou língua oficial:

“a língua chinesa vem a ser só uma a que chamam *quonhoa* ou língua de mandarins porque estes, ao mesmo tempo que introduziam o seu governo noutros reinos introduziam, também, a sua língua, que hoje é falada em todo o país como o latim, em toda a Europa.”¹³

É verdade que, como Semedo não deixou de observar, além do *guan hua* 官话, existiam dialectos diferentes em cada região da China. Ou, nas suas próprias palavras, “cada uma das regiões conserva sempre o seu próprio idioma”.¹⁴

O missionário apreciava a simplicidade da gramática chinesa, afirmando que as suas regras eram mais simples do que as do Latim, pelo facto de todas as palavras chinesas serem indeclináveis. Para Semedo, a língua chinesa era mais fácil de aprender do que o Latim, opinião que reunia o consenso de outros investigadores europeus do século XVII. Na sua opinião “Existem 60 000 letras registadas no seu vocabulário chamado *Haipien*, que bem pode chamar-se *Mare magnum*.”¹⁵ Esta afirmação é idêntica à dos autores chineses: “Dizem que se registam no total sessenta mil caracteres chineses, entre os quais, são mais usados por volta de de três mil.”¹⁶

A respeito da escrita, a afirmação do nosso autor sobre a antiguidade dos caracteres chineses “foi muito significativa na Europa de então, pois permitiu comprovar que a civilização chinesa era mais antiga que a civilização cristã.”¹⁷ Semedo explica a existência de quatro estilos de escrita distintos durante o processo de desenvolvimento dos caracteres chineses, a saber: *zhuan* 篆, *zhen* 真, *li* 隶, e *cao* 草. Apresenta ainda os pincéis e a forma chinesa de os utilizar para a escrita.

O jesuíta português transmite-nos um retrato muito favorável e idealizado do sistema de exames da China Imperial em meados do século XVII. Expressa abertamente a sua grande admiração por este sistema de selecção de mandarins letrados, através de exames efectuados pública e imparcialmente, elogiando essa imparcialidade, que não diferenciava os ricos dos pobres, perante a oportunidade de obter cargos oficiais.

Na sua expressão, os chineses estudavam tão rigorosamente que não lhes era permitido qualquer entretenimento ou recreio, realçando o seu método de estudo, “*poixu*”.¹⁸ Para o jesuíta português, os chineses prestavam muita atenção à prática da escrita e da composição para se adaptarem ao sistema de exames. Estudavam apenas os *Quatro Livros* e os *Cinco Clássicos* porque as perguntas dos exames se relacionavam somente com estes livros.

De acordo com as informações reunidas e difundidas por Semedo, os chineses não eram educados em escolas ou universidades, mas sim através da contratação de professores particulares, que transmitiam não só os conhecimentos científicos como também os ritos e os bons costumes, uma vez que todos os letrados tinham de manter boa reputação, pois caso contrário ser-lhes-ia proibido candidatar-se aos exames. Pode-se concluir que, naquela altura, tudo o que os letrados faziam estava relacionado com os exames imperiais, porque os exames eram “a coisa de maior importância deste reino, porque deles dependem os graus; destes os cargos públicos; e dos cargos públicos, as honrarias e os proventos”.¹⁹ Com base na sua capacidade de observação e também num conhecimento profundo da língua chinesa, obtido ao longo de muitos anos de estudo, Semedo consegue fazer-nos uma descrição detalhada dos exames imperiais de três graus que se realizavam no século XVII, destacando o seu processo complicado e o seu alargado conteúdo, assim como as formas de se evitarem fraudes e o tipo de tratamento de que os letrados gozavam depois de terem alcançado o grau. O jesuíta português foi um dos europeus que primeiro traduziu os títulos obtidos nesses exames:

“São três os graus: *sieucaí*,²⁰ *kiugin*,²¹ e *cinfu*”²² e, para compreendermos, podemos dizer que a seu modo correspondem aos nossos de bacharéis, licenciados e doutores”.²³

Mostrou-nos a forma como se faziam os exames, especialmente o *xiang shi* 乡试,²⁴ exame para a obtenção do grau de licenciatura. Mostrou-se muito interessado e curioso em relação ao *gong yuan* 贡院,²⁵ lugar onde se faziam os exames dos licenciados, não poupando palavras para descrever a sua grandeza e majestade.

Nas suas palavras, os exames eram um assunto muito sério e da maior importância, porque os examinandos não só eram vigiados pelos “capitães e soldados” como também pelos examinadores. Além disso, ao entrarem, tinham que ser rigorosamente

HISTORIOGRAPHY

Frontispício da edição de 1643 de *Relatione della Grande Monarchia della Cina*.

revistados, sendo obrigados a “trazerem o cabelo solto até baixo, as pernas nuas, com sapatos feitos de corda, o fato sem simulações ou pregas de qualquer espécie”.²⁶ Refere ainda que, caso fosse encontrado qualquer papel nos examinandos, estes seriam imediatamente excluídos. Salienta também o “sistema de anonimato” adoptado no exame dos licenciados, para evitar a fraude e a corrupção. Ainda de acordo com as informações de Semedo, depois do exame seguiam-se diversas cerimónias e banquetes luxuosos, ficando os laureados “imediatamente importantes, honrados e ainda venerados”. Porém, também manifesta algumas dúvidas sobre a possibilidade de ficarem “logo ricos” depois de terem conseguido o grau.

No seu relato, Álvaro Semedo elogia o respeito do governo chinês pelo conhecimento, pelos professores e pelos literatos, mesmo por aqueles que não possuíam graus. Para ele, os chineses respeitavam os professores durante toda a vida, “não lhes faltam, em tempo devido, com presentes e, quando passam de grau e são promovidos a cargos mais elevados, fazem-lhes

favores e benefícios importantes”.²⁷ Escreveu ainda que Alexandre da Macedónia tinha dito que se devia mais aos mestres que ensinavam que aos pais que procriavam, mas que só na China tal dívida era compreendida e se pagava. Refere também Confúcio, salientando que este era reconhecido como mestre de todos os graduados.

O Pe. Álvaro Semedo sentia uma imensa admiração pela política do governo chinês de administração dos mandarins letrados com alto grau académico, muito diferente do que passava na Europa, onde o poder estava apenas na mão da aristocracia e as pessoas comuns muito raramente tinham oportunidade de exercer qualquer cargo no governo, em especial os menos favorecidos. Em termos de organização do Estado, Semedo descreveu-nos uma verdadeira “república das letras”, um país governado por um imperador absoluto, mas bondoso e poderoso, que não só se comportava de acordo com os regulamentos políticos e morais estipulados pelos clássicos confucionistas, como também nomeava os letrados que passavam os exames imperiais e sabiam bem como administrar o Estado.

Álvaro Semedo fez também uma apresentação concisa das ciências e das artes liberais chinesas, mencionando não só a Gramática, a Lógica e a Retórica, como também a Aritmética, a Geometria, a Música, a Astronomia, a Medicina, etc. Embora os chineses não possuísem conhecimentos de Álgebra, gostavam de Matemática e tinham bastantes conhecimentos de Geometria, usando em todo o país o ábaco para contar. O nosso autor tomou em devida conta este instrumento:

“O processo de contar em todo o reino e ainda nos vizinhos é por meio de um instrumento chamado *gina* pelos portugueses e *suonpuon*,²⁸ pelos chineses”.²⁹

Segundo revela o tratado do nosso jesuíta, os chineses também se apaixonaram pela Astrologia e pelos horóscopos, assim como por outras disciplinas, como a música, a pintura, a medicina, etc.

Parece que Álvaro Semedo conhecia muito bem a literatura chinesa, já que apresenta³⁰ pormenorizadamente os clássicos confucionistas:

“o primeiro, chamado *Yekim*³¹ [...]; o segundo, chamado *Xukim*³² [...]; o terceiro *Xikim*³³ [...]; o quarto chamado *Likim*³⁴ [...]; o quinto, chamado *Chumchou*....”³⁵

HISTORIOGRAFIA

Acrescentava que havia ainda quatro livros atribuídos a Confúcio e a um outro filósofo chamado “Mensiu”,³⁶ e que nestes nove livros se encontrava toda a doutrina física e moral que devia ser estudada para os exames imperiais.

Semedo passou a maior parte da sua vida na China mantendo relações próximas com gente de todos os estratos sociais. Conhecia, por isso, muito bem as normas de cortesia das diferentes classes, o que se pode verificar plenamente na sua obra:

“as suas cortesias são, primeiramente, profundas medidas até ao chão, sendo esta a que usam, ordinariamente nos encontros e visitas”.³⁷

O nosso autor verificava ainda que a cortesia entre o vulgo consistia em juntar as mãos uma sobre a outra e elevá-las até à cabeça. Acrescentava também outros designações especiais para mostrar o respeito do falante, por exemplo, os chineses em vez de dizerem “o seu filho”, diziam “*limlam*”,³⁸ em vez de dizerem “a sua filha”, diziam “*lingai*”,³⁹ etc. Ainda hoje este tipo de tratamento é usado em cartas ou convites.

De acordo com as suas descrições, os chineses gostavam de banquetes, acrescentando que os chineses os promoviam quando iniciavam um trabalho ou acabavam uma obra. Não deixa de igualmente apresentar as enormes cortesias e os exagerados tratamentos que eram adoptados na preparação dos banquetes.

Segundo Álvaro Semedo, os chineses eram adeptos de todas as formas de jogos. Gostavam, nomeadamente, dos jogos de cartas, de xadrez, sobretudo os nobres, do jogo de dados, do jogo da morra e do jogo da moeda, estes dois últimos no caso da gente vulgar, do jogo de galos e de codornizes, e do jogo com grilos. Observava, contudo, que às crianças que estudavam era proibido qualquer tipo de jogos.

Na antiga China, todo o tipo de tabus e de mandamentos, emanados do rito e da ética feudais, cerceavam a liberdade das mulheres chinesas: poligamia, casamento combinado pelos pais, venda das mulheres, etc. Estes aspectos do modo de vida da antiga China suscitaram a curiosidade de Álvaro Semedo e ficaram registados no seu relato. Semedo também descreveu detalhadamente o processo do casamento dos chineses. Observou, por exemplo, que os imperadores chineses nunca casaram com mulheres estrangeiras, sendo a rainha escolhida de forma extremamente rigorosa. Notava elogiosamente que a maior parte das rainhas eram piedosas, virtuosas e prudentes.

Semedo nota correctamente que os chineses prestavam muita atenção a todos os assuntos relacionados com a morte, de modo a poderem exprimir a sua piedade filial, no respeito pelos rituais tradicionais. Fossem ricos ou pobres, cada um havia de comprar um caixão apropriado para os seus familiares mortos, escolhendo com enorme cuidado a localização das sepulturas. O missionário jesuíta descreve pormenorizadamente as práticas funerárias dos chineses em geral e, em particular, a cerimónia do funeral da rainha-mãe em 1614, que teve ocasião de testemunhar presencialmente.

Nos livros dedicados à investigação da cultura chinesa, o Confucionismo, a seita Tao⁴⁰ e a seita indiana de Xaca⁴¹ têm sido consideradas como as três principais crenças dos chineses desde a dinastia Han (64 a.C.-220 d.C.). Esta observação é adiantada por Semedo, que afirma

“os chineses são, geralmente, pouco inclinados às seitas [...]. Têm, porém, três seitas, a primeira é a dos letrados e mais antiga do que pensam alguns, que lhe dão por autor Confúcio; a segunda seita é a dos tausi,⁴² também originária da China; a terceira seita dos pagodes é da Índia, das partes do Indostão”.⁴³

Visto que as gentes do povo, de facto, não tinham uma crença especial, queimavam incenso ao encontrar templos, ajoelhando-se e tocando com a testa no chão sempre que contemplavam representações dos deuses. Por isso, o nosso autor afirmou que os chineses mostravam grande interesse pela superstição.

O Pe. Semedo também se refere no seu tratado à milícia e às armas chinesas, dizendo que os chineses contavam com ricas experiências de guerra já que, além das conquistas e guerras com os reinos estrangeiros, tinham tido entre si muitas outras guerras. Na óptica do jesuíta português:

“Para fazer capitães, cabos e lugares-tenentes, etc., há exames e neles se conferem dois graus, que, para melhor compreensão lhes chamaremos licenciados em armas e doutores em armas.”⁴⁴

O observador português descreve com detalhe como se faziam os exames para a selecção dos mandarins de guerra. Além da prova escrita, o nosso autor nota:

“Finda a prova especulativa, efectua-se a prática, devendo desferir nove setas a pé firme e outras nove, correndo a cavalo, contra um grande alvo”.⁴⁵

HISTORIOGRAPHY

O religioso português também refere directamente que os chineses valorizavam as letras e desprezavam as armas.

Semedo divide a nobreza chinesa em cinco ordens. A primeira era a família real. Na sociedade tradicional chinesa, o imperador era a figura mais poderosa e mais importante do país, sendo designado por *Tian zi* 天子, isto é, filho do Céu. A família imperial possuía infinitas riquezas:

“os palácios, considerando em conjunto todas as coisas que neles estão concluídas, são os melhores que se podem encontrar no mundo”.⁴⁶

Embora não fossem incluídos na ordem de nobreza, na observação de Semedo, os eunucos, que estavam permanentemente ao lado do imperador, tinham um enorme poder, desempenhando um papel muito importante na China imperial. A segunda ordem, na opinião de Semedo, era a nobreza dos titulares; a terceira era constituída pelos mandarins letrados e oficiais de guerra; a quarta era a classe dos estudantes sem graus; e a quinta era formada por todos aqueles que viviam de negócios ou rendimentos.

Com uma longa vivência da China, Semedo possuía bastantes conhecimentos sobre o governo chinês e as suas numerosas dependências, dizendo que o principal governo da China se divide em seis conselhos a que chamam *pu*:

“o primeiro conselho, de maior autoridade e proventos, é do estado e chama-se *Lipu*⁴⁷ [...] o segundo é o Conselho de Guerra; o terceiro é o Conselho dos Ritos; o quarto é o Conselho do Património Régio; o quinto é o Conselho das Obras Públicas; o sexto trata de assuntos criminais e para aplicar castigos”.⁴⁸

Além de se debruçar sobre o governo geral de todo o reino pelas duas cortes, Álvaro Semedo também se refere à administração nas treze províncias. O missionário jesuíta elogia bastante o governo chinês: “Acima de tudo existem as suas leis, estatutos e ordens pelos quais se governam, bem como o reino”,⁴⁹ salientando:

“são igualmente antigas e todas fundadas nas cinco virtudes muito estimadas pelos antigos e ainda hoje muito célebres entre eles, isto é, *gin, y, li, chi, sin*”.⁵⁰

Todas as virtudes referidas no tratado seiscentista do missionário português ainda hoje constituem princípios éticos fundamentais para o povo chinês.

Por causa do processo de Nanquim, foi o nosso autor preso, ficando algum tempo na prisão. Deste modo, conheceu com os seus próprios olhos os cárceres, as sentenças e os castigos dos chineses. Ficou muito impressionado com a avidez dos carcereiros chineses.

“Os presos são obrigados não somente ao encarceramento como ainda a muitos tributos [...] E se não tiver, o condenado terá de lhe dar o barrete ou alguma peça do vestuário. São estas as pequenas despesas com as quais esfolam a bolsa.”⁵¹

Nas suas próprias palavras:

“As sentenças diferem pouco das nossas com a excepção de que as dilações não são tantas o mesmo acontecendo com as réplicas [...]. As condenações são pecuniárias, poucos desterrados ou exílios, e as galés ou o parecido com isso”.⁵²

Semedo descreve também as terríveis torturas utilizadas nos casos especiais.

Álvaro Semedo é o primeiro português que descreve de forma detalhada a história e cultura da China Ming. Elogia abertamente na sua *Relação* o excelente imperador chinês, o regime político e social perfeito, especialmente o imparcial sistema de exames para selecção de mandarins letrados, tema que suscitou grande curiosidade na sociedade europeia interessada em assuntos orientais. “É um documento único e pioneiro na história da educação seiscentista e no panorama da história das ideias educativas portuguesas. É uma verdadeira viagem ao interior de um império examinocrático”.⁵³ Em comparação com a Europa de então cheia de guerras, o jesuíta português ficou admirado pela prosperidade económica e a estabilidade social da China, apesar de referir também a avidez e crueldade de carcereiros.

Em jeito de balanço global, a descrição que Álvaro Semedo apresenta da cultura chinesa ultrapassa muito a dos seus antecedentes, contribuindo enormemente para a formação correcta de uma imagem da China na Europa. **RC**

HISTORIOGRAFIA

NOTAS

- 1 Wu Mengxue 吴孟雪 e Zeng Liya 曾丽雅, *Mingdai Ouzhou Hanxue Shi* 明代欧洲汉学史 (História da Sinologia Europeia da Dinastia Ming), Dongfang chu ban she, 2000 p. 53.
- 2 Ch. R. Boxer, *Fidalgos no Extremo Oriente*, Macau, Fundação Oriente/Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1990, pp. 166-167.
- 3 Wu Mengxue & Zeng Liya, *Mingdai Ouzhou Hanxue Shi*, p.54.
- 4 Feng Chengjun 冯承钧 trad., *Zaihua Yesu Huisi Liezhuan Ji Shumu* 在华耶稣会士列传及书目 (Louis Pfister, *Notices Biographiques et Bibliographiques sur les Jesuites de l'Ancienne Mission de Chine 1552-1773*), Zhonghua shu ju, 1995, pp. 148-152.
- 5 Introdução de Luís Gonzaga Gomes à sua tradução, editada em 1956 pela extinta editora Notícias de Macau.
- 6 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*. António Carmo, ed., Macau, Direcção dos Serviços de Educação e Juventude/Fundação Macau, 1994. É esta a edição utilizada nas citações.
- 7 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 27.
- 8 *Ibidem*, p. 57.
- 9 *Ibidem*, p. 63.
- 10 *Ibidem*, p. 65.
- 11 *Ibidem*, p. 73.
- 12 *Guan hua* 官话, a língua dos mandarins.
- 13 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 73.
- 14 *Ibidem*, p. 73.
- 15 *Ibidem*, p. 76.
- 16 Wuming Yang 杨五铭, *Wenzi Xue* 文字学 (Ciência dos Caracteres), Renmin chu ban she, 1993 p. 109.
- 17 Wu Mengxue e Zeng Liya, *Mingdai Ouzhou Hanxue Shi*, p. 129.
- 18 *Bei shu* 背书, decorar sem olhar para o livro.
- 19 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 89.
- 20 *Xiuxai* 秀才, bacharel, o que era aprovado no exame distrital.
- 21 *Juren* 举人, licenciado, o que era aprovado no exame provincial.
- 22 *Jinshi* 进士, doutor, o que era aprovado no exame metropolitano.
- 23 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 87.
- 24 *Xiang Shi* 乡试, o exame provincial.
- 25 *Gong yuan* 贡院, lugar onde se realizava o exame provincial.
- 26 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 92.
- 27 *Ibidem*, p. 264.
- 28 算盘 *Suan pan*, ábaco.
- 29 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 108.
- 30 *Ibidem*, p. pp. 103-104.
- 31 *Yi Jing* 易经, Livro das Mutações.
- 32 *Shu Jin g* 书经, Livro de História.
- 33 *Shi Jing* 诗经, Livro de Odes.
- 34 Será certamente o *Li Ji* 礼记, Livro de Ritos.
- 35 *Chun Qiu* 春秋, Anais da Primavera e do Outono.
- 36 Meng Zi 孟子, Mêncio.
- 37 Esta cortesia chama-se *zuo yi* 作揖, baixar a cabeça. Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 119.
- 38 *Ling lang* 令郎, seu excelente filho.
- 39 *Ling ai* 令媛, seu excelente amor, isto é, sua filha.
- 40 Fundada por um filósofo chinês chamado Lao Zi 老子.
- 41 Entrou na China no ano de 63 D. C.
- 42 Lao Zi.
- 43 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, pp. 167-168.
- 44 *Ibidem*, p. 183.
- 45 *Ibidem*, p. 184.
- 46 *Ibidem*, p. 203.
- 47 *Li bu* 吏部, tribunal responsável por propor os mandarins de todo o reino para os cargos, sua transferência e promoção.
- 48 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, pp. 224-225.
- 49 *Ibidem*, p. 261.
- 50 *Ibidem*, p. 261. *Ren* 仁, caridade, amor e compaixão; *yi* 义, justiça; *li* 礼, cortesia; *zhi* 智, prudência e sapiência; *xin* 信, fidelidade.
- 51 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, pp. 245-246.
- 52 *Ibidem*, pp. 248-250.
- 53 António Aresta, "Introdução" a Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 9.